

**FONOLOGIA DA LIBRAS  
E A (RE)AFIRMAÇÃO LINGUÍSTICA:  
O ÓBVIO QUE AINDA PRECISA SER DITO**

*Robervaldo Correia dos Santos (UFRB)*  
[bem\\_fsa@hotmail.com](mailto:bem_fsa@hotmail.com)

*Camila Fernandes dos Santos (UFRB)*  
[miloknandes@hotmail.com](mailto:miloknandes@hotmail.com)

*Emmanuelle Félix dos Santos (UFRB)*  
[emmanuellefelix@ufrb.edu.br](mailto:emmanuellefelix@ufrb.edu.br)

### **1. Introdução**

A língua brasileira de sinais (libras) foi regulamentada através da Lei nº 10.436 de 2002, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e instituída como a língua oficial da comunidade surda brasileira. Contudo, há, especialmente entre ouvintes, a ideia de que a libras é apenas uma versão sinalizada da língua oral, ou seja, um português sinalizado. Os argumentos de que a libras não é uma língua natural e que não possui independência linguística não apresentam fundamentação científica. Desse modo, esses argumentos são percebidos como um discurso que veicula a ideologia de um grupo socialmente dominante, o qual considera homogênea a língua por ele falada, negando as diferenças e particularidades dos grupos linguísticos minoritários, relegando-os à subalternidade.

As opiniões preconceituosas sobre a libras, em geral, são emitidas por desconhecimento ou propositalmente por quem não quer reconhecer o *status* linguístico da libras (Cf. GESSER, 2009). Nesse sentido, este trabalho investiga a seguinte problemática: haverá a relação de dependência da libras com a língua portuguesa, ao menos no que tange ao sistema fonológico? Partimos do princípio de que não há essa dependência, já que os sistemas fonológicos das duas línguas são distintos; porém, compartilham de propriedades que são comuns às línguas naturais.

O objetivo deste estudo é reafirmar que a libras possui estrutura fonológica própria e é organizada por um sistema de regras que a rege independente da língua portuguesa, desmistificando a ideia de que a libras é uma versão sinalizada da mesma. Daí, a importância deste trabalho: divulgar a autonomia da libras enquanto língua, favorecendo o processo de inclusão social da pessoa surda. Destarte, este estudo apresenta contribuições significativas para o reconhecimento social da libras, apresentando um discurso não de defesa de um grupo, mas de reafirmação linguística de uma minoria historicamente desfavorecida nessa relação social permeada pelo saber e poder veiculado na/pela linguagem.

Este trabalho optou pela metodologia qualitativa, de cunho bibliográfico e utilizou-se como aporte teórico autores como Ferreira (2010), Gesser (2009) e Quadros (2004), que discorrem sobre o status linguístico das línguas de sinais e da libras e apresentam uma descrição fonológica da libras, argumentando sobre a autonomia da mesma enquanto língua.

## **2. Algumas propriedades linguísticas da libras**

A libras possui estrutura linguística própria, mas, como qualquer outra língua natural, compartilha propriedades linguísticas que estão presentes tanto em outras línguas de sinais como nas línguas orais, essas propriedades comuns às línguas naturais são denominadas de *universais linguísticos*. Neste trabalho, partimos da concepção de que a libras é uma língua natural e trataremos apenas da apresentação de algumas propriedades linguísticas da libras.

Um dos universais linguísticos que a libras compartilha com as demais línguas naturais diz respeito à organização da estrutura gramatical, a qual se articula nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Nesse sentido, a dupla articulação da linguagem diz respeito à “organização da língua em duas camadas” (QUADROS, 2004, p. 27), ou seja, em dois níveis: o primeiro apresenta as unidades significativas (morfemas), do sis-

tema morfológico, formados a partir da articulação de unidades menores e sem significados (fonemas) que contrastam opositivamente no segundo nível – o fonológico. “Como as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação” (FERREIRA, 2010, p. 35).

A libras, como as outras línguas de sinais e as línguas orais, é constituída de um sistema regido por regras complexas que a distingue dos demais sistemas de comunicação. A principal diferença entre a libras (língua de sinais) e as línguas orais “diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais” (QUADROS, 2004, p. 48). Ferreira (2010) também apresenta as diferenças entre língua de sinais e línguas orais:

Entre as diferenças existentes entre línguas orais (francês, português, inglês...) e as línguas de sinais, salientamos a ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais, assim como a simultaneidade de sinais na formação de várias orações das línguas de sinais. Obviamente, apesar de se passar em espaço multidimensional, as línguas gestuais-visuais também fazem uso da linearidade temporal. Por outro lado, as línguas orais nem sempre são exclusivamente unidimensionais. Por exemplo, no caso da sequência de palavras acompanhadas de entoação e no caso dos traços distintivos dos fonemas, há simultaneidade (FERREIRA, 2010, p. 29).

A autora apresenta as principais diferenças existentes entre as línguas de sinais, de realização simultânea, e as línguas orais, de realização sequencial linear, no entanto, ela salienta que a primeira não é exclusivamente simultânea, e a segunda não é exclusivamente linear. Se por um lado, as línguas orais são produzidas oralmente e de percepção linguística auditiva, por outro, quanto às línguas de sinais, na libras, segundo Quadros (2004), “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

A estrutura da libras se decompõe desde o nível textual/frasal a unidades mínimas sem significados, os fonemas. A sistematização da estrutura linguística da libras apresenta uma organização com base, mas não exclusiva, na simultaneidade. A libras é uma língua multidimensional e por isso se faz necessária a presença simultânea de seus parâmetros na constituição dos sinais.

### 3. *Uma breve descrição fonológica da libras*

A descrição fonológica da libras apresentada nesta seção segue a perspectiva dos estudos clássicos das línguas de sinais. Como dito anteriormente, a estrutura da libras se decompõe desde o nível textual/frasal ao nível fonológico. A presença simultânea dos parâmetros na constituição dos sinais da libras é um requisito básico para a produção e percepção linguística dessa modalidade de língua.

A estrutura fonológica da libras constitui-se a partir de parâmetros que se combinam com base na simultaneidade. Esses parâmetros são apresentados por Ferreira (2010): A configuração da(s) mão(s) (CM), o ponto de articulação (PA) e o movimento (M) são *parâmetros primários*, e a região de contato, a orientação da(s) mão(s) (Or) e a disposição da(s) mão(s) são *parâmetros secundários*. No entanto, Ferreira (2010) considera o parâmetro Or como primário na libras, salientando também a importância da expressão facial e o movimento do corpo, que são *componentes não manuais*.

Os elementos que compõem os parâmetros primários possuem valor distintivo. Cada parâmetro apresenta um conjunto de unidades que, numa relação opositiva, excluem uns aos outros para formar fonemas que, por sua vez, se articulam simultaneamente para formar morfemas e sinais. Assim, as unidades presentes nos parâmetros CM, PA, M e Or são traços distintivos e, na constituição dos morfemas ou sinais, só há espaço para um fonema de cada parâmetro. Logo, realizando-se a troca de uma unidade em um dos parâmetros principais que compõe o sinal, acarretará a substituição do fonema por outro do mesmo parâmetro e, então, ter-se-á como consequência a mudança do sinal e de significado. Percebe-se essa mudança nos pares de sinais apresentados a seguir, alterando apenas um par mínimo na composição de cada sinal.

Vejamos os sinais *pedra/queijo*, *aprender/sábado*, *trabalhar/vídeo* e *justiça/marionete*:



(QUADROS, 2004. p. 52)

Neste exemplo, considerando a oposição apresentada entre os elementos da CMs, o par mínimo demonstra o valor distintivo desses elementos. A *configuração da(s) mão(s)* são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização dos sinais. Os sinais referentes à *pedra* e *queijo* diferem quanto ao significado apenas no que tange à CM, enquanto que as unidades dos outros parâmetros se mantêm inalteráveis.

Ferreira (2010) apresenta 46 CMs para libras e cada uma delas é um elemento distintivo:

1 	2 	3 	4 	5 	6 	
7 	8 	9 	10 	11 	12 	
13 	14 	15 	16 	17 	18 	19 

(FERREIRA, 2010, p. 220)

As CMs apresentadas por Ferreira (2010) estão agrupadas verticalmente segundo a semelhança apresentada entre elas e foram coletadas nas principais capitais brasileiras, não apresentando identificação quanto CMs básicas ou semelhantes. Os sinais podem ser realizados apenas com uma ou as duas mãos, e, em alguns deles, a mão que não é dominante pode ser utilizada como ponto de contato para a mão dominante.



(QUADROS, 2004, p.52)

O *ponto de articulação* é um dos parâmetros principais e diz respeito ao espaço onde os sinais são articulados, e que podem ser dois. Um no espaço em frente ao corpo, e o outro em uma região de contato do próprio corpo. Para Ferreira (2010), se por um lado há um reduzido conjunto distinto de valores no que tange às CMs, por outro, o PA não é nitidamente definível. O PA pode ser um ponto específico ou uma região mais ampla. Segundo Ferreira (2010):

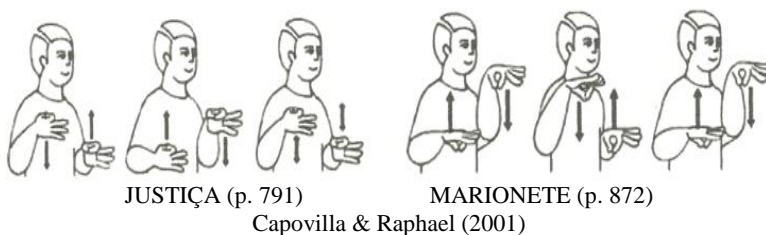
Os sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizados a partir de características icônicas. O que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça (FERREIRA, 2010, p. 38).

Os sinais *saber*, *entender*, *difícil* e *esquecer*, por exemplo, são realizados no PA próximo à cabeça. Os sinais referentes a *sábado* e *aprender* demonstram o contraste do PA, caracterizando possuir também valor distinto e relevante nas atribuições de significados.



O *movimento*, segundo Ferreira (2010), é um parâmetro complexo. Contudo, limitar-nos-emos a um exemplo que comprove contraste desse parâmetro em um sinal, dando-lhe significado diferente. Os sinais para *trabalho* e *vídeo* diferem-se no contraste de uma unidade mínima do parâmetro de M.

O M é realizado no espaço de enunciação em torno do corpo do enunciador. Conforme Ferreira (2010), para que haja movimento é necessária a presença do objeto, a(s) mão(s); e o espaço para realização do M em torno do corpo do enunciador, espaço de enunciação que se desloca junto com o enunciador.



Ferreira (2010) considera a *orientação* um parâmetro primário. A Or diz respeito à direção que a palma da mão aponta na realização do sinal. A autora apresenta seis direções para a Or: voltada para cima, para baixo, em direção ao corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita. No entanto, a autora considera que ainda é muito polêmica, entre os pesquisadores da área, a questão de considerar ou não este parâmetro como primário. Os sinais *justiça* e *marionete* se diferenciam quanto ao parâmetro de Or. No sinal de *justiça*, as palmas das mãos se direcionam para os lados

(contralateral), e no sinal *marionete*, a direção das palmas das mãos é para baixo.

Os *parâmetros secundários*, referidos anteriormente, são a região de contato e a disposição das mãos. A *região de contato* diz respeito à parte da mão que entra em contato com o corpo. Segundo Ferreira (2010), esse contato pode se dar de diferentes maneiras: por meio de um toque, de um risco, de um deslizamento etc. O parâmetro *disposição das mãos* refere-se à utilização das mãos para a realização dos sinais: a articulação dos sinais pode ser feita apenas pela mão dominante ou pelas duas mãos. Conforme a autora, a articulação das duas mãos para formar o sinal pode se dar de duas maneiras: as duas mãos podem se articular para formar um sinal; ou a mão dominante realiza o sinal enquanto a outra pode funcionar como ponto de articulação para a mão dominante.

Para Ferreira (2010), os *componentes não manuais* são muito importantes, ao lado dos parâmetros primários e secundários. A autora ressalta que existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do corpo funcionem como outros parâmetros, dada sua importância para diferenciar significados na articulação dos sinais. Quadros (2004), parafraseando Ferreira (1995), diz que os Componentes Não manuais podem funcionar tanto na diferenciação de itens lexicais quanto na marcação de construções sintáticas. Ferreira (2010) diz que:

Todos os sinais que se incorporem ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e aceitos dentro dessa língua. Isso constitui um dos aspectos que confirmam que a libras é um sistema linguístico que constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuam restrições para a articulação (FERREIRA, 2010, p. 36).

Assim, quanto aos aspectos fonológicos, a libras possui um sistema de regras próprio que rege a articulação dos sinais. Ferreira, ao se referir à articulação dos elementos que compõem o sinal, afirma que:

É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidi-



mensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e a sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros (FERREIRA, 2010, p. 41).

A libras é uma língua de modalidade espaço-visual que utiliza simultaneamente, na articulação dos sinais, os parâmetros e componentes necessários para formação dos sinais, explorando o espaço de enunciação. A modalidade de língua, canal ou meio de transmissão das informações linguísticas configura-se como diferença fundamental na organização fonológica entre as línguas de sinais, que têm como característica básica a simultaneidade, no caso da libras; e as línguas orais, que exploram mais a linearidade, no caso, a língua portuguesa (FERREIRA, 2010).

Entendemos que a descrição fonológica aqui apresentada da libras é suficiente não apenas para demonstrar a exclusividade da libras enquanto língua, em relação aos gestos naturais e as mímicas, mas, também, para evidenciar a sua independência linguística em relação à língua portuguesa, desconstruindo a ideia de que a libras pode ser utilizada concomitantemente com a língua portuguesa. Conforme Ferreira (2010):

Dessa forma, os estudos linguísticos estarão mostrando também as especificidades próprias de uma língua de sinais, o que impossibilita o seu uso concomitantemente ao de uma língua oral, apesar de se processarem através de modalidades distintas e exclusivas. A estrutura conceitual e subjacente a cada uma das línguas (oral e de sinais) é própria de distintas visões de mundo e constitui-se em distintos veículos do pensamento. Isto torna dificultoso o ato de concatenar e pensar ideias através de dois sistemas diferentes ao mesmo tempo (FERREIRA, 2010, p. 15-16).

Torna-se extremamente complexo e talvez impossível precisar cognitivamente a estrutura conceitual de duas línguas de modalidades diferentes (língua oral e língua de sinais) simultaneamente. A tentativa de se expressar, ao mesmo tempo, em ambas as línguas, provavelmente faria com que a estrutura de uma dessas línguas prevalecesse sobre a outra. Para Ferreira (2010):

No entanto, parece ser o bastante para que saibamos que a LIBRAS é uma língua natural com toda complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento

às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem. É uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam (FERREIRA, 2010, p. 11).

Sob esse ponto de vista, compreende-se que o sucesso educacional e social do surdo está intimamente associado ao seu desenvolvimento linguístico, e o respeito a libras contribui significativamente para o desenvolvimento, não somente linguístico, como também para o enfrentamento das questões sociais tão desfavorecedoras àqueles que têm a libras como L1.

O uso de uma língua minoritária, no contexto social, envolve os usuários nativos dessa língua e os usuários da língua majoritária não apenas em problemas de ordem puramente linguística, como também em questões políticas, sociais, psicossociais e educacionais. Nessa relação, a libras é estigmatizada por um ideal linguístico hegemônico que almeja standardizar a língua, já que “o papel que desempenham as línguas de sinais nas sociedades ocidentais tem sido secundário, limitando-se o seu uso a pessoas e lugares restritos e sendo elas alvo de preconceitos e desprestígios” (FERREIRA, 2010, p. 13).

A restrição de uma língua minoritária a contextos específicos desfavorece seus usuários nas relações sociais. A segregação da libras, imposta pelos preconceitos linguístico e social, cerceia desumanamente seus usuários impondo-lhes a condições de subalternidade. Segundo Ferreira (2010), “mudar a história de comunidades para melhor pode parecer uma postura onipotente, porém é um fato que, após os primeiros estudos sobre as línguas de sinais, as comunidades surdas passaram a ser mais respeitadas e sua língua valorizada”.

Conclui-se que, para somar-se a importante conquista da Lei 10.436/02 pela comunidade surda, conhecida como a Lei de libras, o reconhecimento linguístico da libras abrange também embates restritos, desde as relações familiares e privadas às instituições macros e hegemônicas de controle social. Esse *status* linguístico a revalida enquanto língua, conferindo reconhecimento à

cultura surda e permitindo ao surdo ações e atitudes autônomas enquanto cidadão nas relações sociais. “A única saída viável é a aceitação sem restrições das línguas de sinais. Aceitar o surdo implica a aceitação de sua língua” (FERREIRA, 2010, p. 17).

#### **4. Conclusão**

Os argumentos de que a libras é uma versão sinalizada da língua portuguesa, de fato, não têm fundamentação científica e são ancorados numa concepção historicamente preconceituosa de que o surdo não possui uma língua. Esse argumento é percebido como um discurso que veicula a ideologia de um grupo socialmente dominante, o qual tem como bandeira a língua por ele falada, negando as diferenças e particularidades dos grupos minoritários, relegando-os à subalternidade por meio desse discurso preconceituoso sobre a libras. Isso acontece tanto por desconhecimento quanto propositalmente por quem não quer reconhecer o *status* linguístico da libras.

Por meio da descrição e das discussões sobre os aspectos e organização fonológica, buscamos oferecer algumas contribuições aos estudos linguísticos da libras, entendendo que “as pesquisas linguísticas sobre uma língua de sinais revalidam seu status de língua, conferindo-lhe mais prestígio e, por tanto, respeito” (FERREIRA, 2010, p. 13). Essas contribuições tornam-se significativas para o reconhecimento social da libras, apresentando um discurso não de defesa de um grupo, mas de reafirmação linguística de uma minoria historicamente desfavorecida nessa relação social permeada pelo saber e poder veiculado pela linguagem.

A problemática de que haveria uma relação de dependência da libras para com a língua portuguesa, no que tange ao sistema fonológico, não se apresentou verdadeira, confirmando as hipóteses levantadas de que não haveria dependência, já que os sistemas fonológicos das duas línguas são distintos; e a estrutura fonológica da libras possui propriedades que estão presentes em qualquer língua natural. Este trabalho teve como objetivo reafirmar que a li-

bras possui estrutura fonológica própria e se organiza a partir de regras que a regem independente da língua portuguesa e, assim, desmistificar a ideia de que a libras é uma versão sinalizada da mesma, divulgando a autonomia da libras enquanto língua e favorecendo o processo de inclusão social da pessoa surda.

De acordo com Barthes (2007, p. 11), “o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social”. Entendo que as relações sociais são mediadas pela linguagem e na linguagem, a disputa pelo saber e poder passa a ser de caráter dialógico.

O diálogo só se estabelece a partir do instante em que os participantes alternam o uso da língua, exercendo ambos o papel de enunciador, sobrepondo poderes. No entanto, surge o seguinte questionamento: como estabelecer o diálogo, se apenas um dos participantes, o ouvinte, fala a *língua imposta* que, não por acaso, é a majoritária, enquanto que a língua do outro, o surdo, é desprestigiada? Consideramos que será possível tal diálogo a partir do instante em que a libras receber o devido reconhecimento social enquanto língua.

A língua, o código dessa legislação denominada linguagem, veicula o poder “não somente no Estado, nas classes sociais, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas” (BARTHES, 2007, p. 11), mas em todo discurso que engendra o erro e a culpabilidade daquele que o recebe. Daí, aqueles que veem a libras apenas como um instrumento para atingir o objetivo de continuar submetendo a pessoa surda a língua portuguesa oral, utilizando-se de um suposto discurso de “inclusão”. O respeito a libras enquanto língua contribui para o reconhecimento da comunidade que a utiliza, e para o exercício do papel de cidadão pelos usuários nativos da língua.

A libras não é um simples instrumento para aquisição da língua portuguesa nas modalidades escrita ou oral. Ela é, prioritariamente, uma língua natural, através da qual a pessoa surda interage com o mundo, manifestando sua cultura por meio de experiências visuais. A oficialização da libras garante o seu reconheci-

mento como meio legal de comunicação e expressão; no entanto, antes de ser oficializada, a libras já era a língua das comunidades surdas. Com a oficialização, a libras, na verdade, tornou-se a língua de todos os brasileiros que não pretendem reproduzir as velhas práticas de imposição da língua portuguesa às pessoas surdas.

Apesar de a libras ser a língua natural da pessoa surda no Brasil, e instituída oficialmente em lei, ainda existe a ideia de que os surdos devam ser submetidos à utilização da língua majoritária dos ouvintes, no caso, a língua portuguesa, para sua inclusão na sociedade.

Reafirmar a autonomia linguística da libras favorece o processo de inclusão social da pessoa surda, historicamente desfavorecida no contexto histórico-social. A emancipação desses sujeitos se materializa dentro dessa relação social de saber e poder à medida que a libras – enquanto língua – ocupa esses espaços na “consciência social”, nas relações entre surdos e ouvintes, funcionando como forma materializada do discurso.

Não se pretendeu, com este trabalho, esgotar o assunto ou considerar uma língua em vantagem ou desvantagem sobre a outra, e muito menos, advogar em prol de uma delas, mas sim, através de análises bibliográficas, desmistificar ideias preconceituosas que se tem sobre a libras e oferecer algumas contribuições aos estudos linguísticos da libras, e conseqüentemente, à comunidade surda.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Tradução e posfácio de Leyla Perrone Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL, *Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005.

BRASIL, *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira*. Paulo: Edusp, 2008, 2 vol.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.